

A INVESTIGAÇÃO ETNOGRÁFICA NA SALA DE AULA DE SEGUNDA LÍNGUA/LÍNGUA ESTRANGEIRA

Dilys Karen Rees*
 Heloisa Augusta Brito de Mello**

RESUMO: Este artigo apresenta um panorama metodológico da pesquisa qualitativa etnográfica para alunos que se iniciam na pesquisa da sala de aula de língua estrangeira. O artigo conceitualiza os termos *qualitativo* e *etnografia* para, em seguida, descrever e discutir os procedimentos e instrumentos usados nesse tipo de estudo. O artigo se baseia em pesquisas de autores do campo da etnografia e se distingue desse estudos porque coloca o foco na sala de aula de língua estrangeira.

PALAVRAS-CHAVE: *pesquisa qualitativa, pesquisa etnográfica, sala de aula de língua estrangeira*

ABSTRACT: This article seeks to provide a methodological overview of qualitative ethnographic research for the student who is beginning his/her research practice of the foreign language classroom. The terms *qualitative* and *ethnography* are first conceptualized, followed by a detailed description and discussion of the procedures and instruments used in this kind of study. Research by authors from the field of ethnography is used as the theoretical basis for this article, which is distinguished by its emphasis on the foreign language classroom as a site of ethnographic research practices.

KEYWORDS: qualitative research, ethnographic research, foreign language classroom

PRIMEIRAS PALAVRAS

Ao dar início a um projeto de pesquisa na graduação e muitas vezes na pós-graduação o(a) aluno(a) ainda não tem clareza sobre o que vem a ser pesquisa qualitativa, naturalística, interpretativista, estudo de caso, etnográfica ou qualquer outra denominação que se insere no paradigma qualitativo. De fato, esses termos podem causar confusão porque alguns deles são usados intercambiavelmente ou sobrepostos e outros dizem respeito às características da abordagem e não ao seu conceito propriamente dito. Por uma questão de espaço, focalizamos neste artigo apenas a pesquisa etnográfica, destacando seu local de inserção, seus princípios, suas características e especificidades, sem nos determos aos outros tipos de pesquisa mencionados. Nossa opção por priorizar a pesquisa etnográfica se dá em razão de que acreditamos ser essa a abordagem ideal para o tratamento de questões que envolvem a sala de aula de segunda língua/língua estrangeira (doravante L2/LE), objeto de interesse da maioria de nossos alunos.

* Professora do Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras da Faculdade de Letras da UFG. Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Minas Gerais. *E-mail:* dilys_br@yahoo.com.

** Professora do Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras da Faculdade de Letras da UFG. Doutora em Linguística Aplicada, Área de Ensino-Aprendizagem de Segunda Língua/ Língua Estrangeira pela Universidade Estadual de Campinas. *E-mail:* heloisabrito@brturbo.com.br.

Uma vez feita a opção pela abordagem de pesquisa, questões de outra ordem – a seleção dos critérios, a elaboração do *design* de pesquisa, a escolha dos instrumentos para o registro dos dados, a socialização no campo de pesquisa (como agir e o que dizer/perguntar/observar), a delimitação do foco, a identificação das categorias e dos critérios para análise dos dados etc – se apresentam para o aluno(a)-pesquisador(a) como peças de um quebra-cabeça de difícil resolução. Foi pensando nessa dificuldade inicial (e natural!) em harmonizar cientificamente tema, ações, percepções e interpretações em situações de pesquisa que dirigimos este texto àqueles(as) alunos(as) que pela primeira vez assumem a tarefa de observar, descrever e interpretar qualitativamente o que se passa na sala de aula de língua estrangeira tomada como cenário privilegiado de uma investigação científica.

Assim, com esse objetivo de esclarecer e instrumentalizar nossos alunos-pesquisadores, organizamos este texto em duas seções principais – uma que procura explicitar os conceitos e os princípios da pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, e outra que apresenta e discute procedimentos, técnicas e instrumentos de pesquisa para gerar dados qualitativos.

Antes, porém, de iniciarmos nossa discussão propriamente dita abrimos um parêntese para ressaltar que não é nossa pretensão esgotar o tema proposto. Ao contrário, pretendemos, de maneira simples, oferecer ao aluno(a) iniciante a oportunidade de compreender como realizar uma pesquisa lançando mão de uma orientação metodológica do tipo qualitativo-etnográfico.

DEFININDO OS TERMOS E OS PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS

Iniciamos nossa discussão com a expressão *pesquisa qualitativa* por entender que ela pode confundir o pesquisador iniciante na medida em que se apresenta como uma expressão guarda-chuva que abriga diversos tipos de abordagens, métodos e técnicas de pesquisa de áreas distintas do conhecimento tais como a Antropologia, a Sociologia, a Educação, as Ciências Médicas e a própria Linguística Aplicada, cada qual com a sua cultura de pesquisa e linguagem específica. Apesar das especificidades de cada uma dessas áreas, o que caracteriza o paradigma qualitativo em todas elas é a forma ontológica – como essas ciências percebem o mundo –, a forma epistemológica – como teorizam sobre o mundo social – e a forma metodológica – como observam e interpretam a realidade social. Na visão ontológica (a teoria de mundo), a realidade é construída, dinâmica e contextualizada; na epistemológica (a teoria do conhecimento), a teoria do mundo social é o relativismo, visto que a realidade é construída na dinâmica dos fatos sócio-históricos; e, por fim, na visão metodológica, o pesquisador procura entender a realidade do ponto de vista do participante, sendo a observação e a entrevista os métodos privilegiados para realização da investigação.

Assim, o termo qualitativo, em uma relação hierárquica, é o mais abrangente de todos, estando, pois, em um primeiro plano, o do paradigma, podendo incluir outras denominações tipológicas como a etnografia, o estudo de caso, a hermenêutica, as induções analíticas, as histórias de vida e até mesmo alguns tipos de abordagens computacionais e estatísticas desenvolvidos para tal fim.

No tocante à expressão *pesquisa naturalística*, com frequência usada como sinônimo de *qualitativa* ou *etnográfica*, Watson-Gegeo (1988) esclarece que o termo naturalístico qualifica a pesquisa em termos de onde e como a observação é conduzida, isto é, no contexto real onde os participantes da pesquisa atuam – em casa, na escola, no trabalho etc – e com o mínimo de interferência externa, no caso do pesquisador ou de outros tratamentos dados no momento do registro dos dados que possam descaracterizar o contexto ou a situação.

A etnografia, por sua vez, difere dos outros tipos de pesquisa qualitativa pela forma holística como trata o fenômeno, ou seja, examina o fenômeno em relação à cultura e ao comportamento dos participantes no contexto social como um todo, ao invés de focalizar apenas um dos seus muitos aspectos (ERICKSON, 1984), conforme procuramos mostrar adiante.

A ETNOGRAFIA E A SALA DE AULA DE L2/LE

O termo *etnografia* tem sido usado de maneira holística para se referir à descrição da cultura de uma comunidade ou sociedade, entendendo-se por cultura o que as pessoas precisam saber ou fazer para serem aceitas como membros de uma dada comunidade (MENHAN, 1981). Estendendo esse conceito à sala de aula de L2/LE, os pesquisadores da área de ensino têm investigado o que os professores e, principalmente, os alunos precisam saber para atuarem de maneira competente no contexto da sala de aula e como essa competência se relaciona aos outros contextos pelos quais eles transitam.

Originalmente desenvolvida pela antropologia para descrever o comportamento e os padrões culturais de um grupo social, a pesquisa etnográfica caracteriza-se pelo estudo do comportamento das pessoas em um determinado contexto de interação social, com foco na interpretação cultural desse comportamento (WATSON-GECEO, 1988). Para isso, o etnógrafo observa, de maneira sistemática, intensiva e detalhada, como as pessoas se comportam e como as interações são socialmente organizadas no contexto – quais são as normas sociais, os valores culturais e as expectativas interacionais dos indivíduos com os quais o pesquisador desenvolve uma certa relação pessoal.

Para Spradley (1980, p. 7-8), o etnógrafo deve ir além da observação do comportamento e dos estados emocionais das pessoas, inquirindo sobre o significado daquele comportamento e dos sentimentos de medo, ansiedade, raiva, entre outros, pois acredita que “os seres humanos se comportam com relação às coisas com base naquilo que elas significam para elas”¹. Em outras palavras, o autor procura mostrar que a investigação qualitativa de cunho etnográfico não se circunscreve apenas à visão *ética*, mas apoia-se, também, na *êmica*. O termo *êmico* significa “interno” (*insider*) e sugere que a interpretação de um fato ou valor cultural, seja de um indivíduo ou de um grupo, étnico ou fenomenológico, deve levar em conta a verdade como ela é entendida pelas pessoas que vivenciam aquela determinada cultura. Essa perspectiva se alia à perspectiva *ética*, “externa” (*outsider*) que tende a ser descritiva e que observa as

¹ As citações escritas originalmente em língua estrangeira foram traduzidas pelas autoras com o intuito de tornar a leitura mais fluente.

estruturas comportamentais do grupo cultural em foco. É preciso enfatizar, no entanto, que os termos, *ético* e *êmico*, servem como metáforas para guiar a pesquisa na busca de maior rigor metodológico, mas não devem ser interpretadas de forma extrema e dicotômica, visto que as identidades pesquisador e/ou participante são cambiantes em decorrência da inserção em redes sociais complexas.

Nesse sentido, a observação tem um papel fundamental no processo de registro dos dados e, conforme sugere Spradley (1980), pode ser feita por meio de notas de campo condensadas ou expandidas, em forma de diários ou relatos, que vão fornecer as bases para uma posterior descrição e interpretação do que está acontecendo no contexto. Além disso, o pesquisador-observador pode utilizar outros instrumentos de pesquisa, por exemplo, entrevistas, questionários, diários de participantes, gravações em vídeo e áudio, documentos, relatos dos participantes etc para que possa interpretar o objeto de estudo a partir de ângulos distintos. Dessa maneira, afirmam Cavalcanti & Moita Lopes (1991, p. 139), “a assim chamada subjetividade inerente a estes tipos de dados adquire uma natureza intersubjetiva ao se levar em conta várias subjetividades ou várias maneiras de olhar para o mesmo objeto de investigação”.

Outra característica da pesquisa etnográfica é a sua natureza exploratória. Diferentemente do paradigma positivista que opera com categorias preestabelecidas para a verificação de hipóteses, a pesquisa de base etnográfica é calcada em dados, a partir de um referencial teórico que direciona a atenção do pesquisador para certos aspectos das situações e do contexto que podem servir de evidências para responder às perguntas de pesquisa levantadas no início do estudo e desenvolvidas no campo de pesquisa (WATSON-GEGEO, 1988). Todavia, à medida que a investigação prossegue, a decisão sobre os aspectos a serem estudados podem ser redefinidos, uma vez que a pesquisa etnográfica busca, em essência, “examinar a construção da realidade social” (CAVALCANTI & MOITA LOPES, 1991, p. 139). Dessa forma, pode-se dizer que a pesquisa etnográfica pressupõe alguns encaminhamentos prévios – elaboração de perguntas de pesquisa, levantamento dos potenciais sujeitos, delimitação do espaço e do grupo social e seleção dos instrumentos a serem utilizados inicialmente – que vão se restringindo a um ponto recorrente em que a pesquisa se concentrará.

Zarharlick e Green (1991, p. 3) observam que

a etnografia é mais do que um conjunto de métodos, técnicas de coleta de dados, procedimentos de análise ou descrição de narrativas. É uma abordagem sistemática, teoricamente orientada para o estudo da vida diária de um grupo social, e que envolve uma fase de planejamento, uma fase de descoberta e uma terceira fase de apresentação dos resultados.

Na primeira fase, o pesquisador traça as linhas gerais do estudo e formula algumas perguntas antes de sua entrada no campo de pesquisa; em seguida, delimita o escopo da pesquisa, o grupo social e o método de abordagem. Posteriormente, dá início ao processo de registro dos dados a partir da utilização dos instrumentos selecionados. Mas, antes de iniciar a atividade prática, as questões preestabelecidas e os métodos a serem utilizados são discutidos e negociados com os sujeitos envolvidos para que as ações a serem desenvolvidas durante a pesquisa não sejam impostas de fora para dentro (ANDRÉ, 1995).

Durante a fase de descoberta, o pesquisador monitora suas decisões e faz os ajustes necessários ao seu planejamento, conciliando seus objetivos com as circunstâncias contextuais. Nessa fase, o pesquisador discute questões pertinentes ao estudo, avalia as opiniões dos participantes, reestrutura os objetivos da pesquisa, traça novas diretrizes, delimita os aspectos recorrentes e restringe o objeto de estudo. Daí a importância dessa fase porque, além de permitir uma maior familiarização com o contexto, proporciona meios para uma reflexão mais aprofundada de questões que podem, à primeira vista, passar despercebidas aos olhos do pesquisador. Na última fase, o pesquisador apresenta os resultados de sua análise e, quando possível, submete-os à apreciação dos participantes com o propósito de reavaliar sua interpretação.

Wolcott (1992), por sua vez, afirma que o método qualitativo pode ser resumido em três procedimentos básicos – *observar*, *perguntar* e *examinar*. O primeiro enfatiza, sobretudo, as atividades de observar e ouvir o que está ocorrendo no contexto de pesquisa. É o momento de o pesquisador anotar e relatar as experiências vividas pelos sujeitos participantes, bem como as suas impressões sobre as ações dos participantes. O segundo procedimento pressupõe uma postura mais intrusiva, isto é, o pesquisador faz perguntas, levanta questionamentos e discute as ações dos participantes. O terceiro procedimento diz respeito ao exame do material preparado por outros – documentos, registros, arquivos, publicações etc. Esses procedimentos não são excludentes, mas complementares, uma vez que permitem examinar os dados a partir de diferentes ângulos. Em outras palavras, o método qualitativo pressupõe uma *abordagem multi-instrumental*. Para Wolcott, a etnografia inclui, além desses três procedimentos, a interpretação e a elucidação dos registros. Em resumo, a etnografia é “uma forma disciplinada de olhar, perguntar, registrar, refletir, comparar e descrever” (HYMES, 1981, p. 57).

Erickson (1986) usa outra denominação para a pesquisa qualitativa ou de base etnográfica – *pesquisa interpretativa* –, por considerá-la mais inclusiva, além de evitar a conotação não-quantitativa, uma vez que a quantificação também pode ser empregada em determinados tipos de pesquisa qualitativa. Ademais, há o fato de que a interpretação é um procedimento-chave nesse tipo de pesquisa. Essa perspectiva leva em consideração não apenas a interpretação que o observador dá ao que as pessoas observadas fazem, mas também os sentidos que elas atribuem às suas ações, isto é, como elas vêem a si próprios e aos outros, quais os valores que elas atribuem uns aos outros e quais os papéis sociais que estão em jogo no momento em que as ações ocorrem. Mason (1997, p. 36), por exemplo, prefere falar de *gerar dados*², ao invés de *coletar dados*, porque a pesquisa qualitativa rejeita a idéia de que o pesquisador pode ser um coletor de informações completamente neutro sobre o mundo social. Ao contrário, ele é visto como alguém que constrói ativamente o conhecimento sobre o mundo de acordo com certos princípios e métodos que derivam de sua postura epistemológica.

Ou seja, o pesquisador não encontra os dados à sua espera para serem coletados, mas trabalha de forma a gerá-los a partir das fontes e instrumentos que escolheu. Isso implica reconhecer que o processo de geração de dados é um processo participativo,

² Apesar de Mason (1997) usar a expressão *gerar dados*, Cavalcanti (comunicação pessoal) prefere falar de *registros* nessa fase, esclarecendo que os registros só passam a ser dados quando analisados.

analítico e interpretativo marcado tanto pela perspectiva ontológica do pesquisador acerca da realidade social quanto pela sua perspectiva epistemológica de como a realidade pode ser conhecida. Por isso, Spradley (1980) recomenda que ao selecionar uma situação social, o etnógrafo deve procurar aquelas que oferecem melhores oportunidades para participação. Ou seja, o etnógrafo não faz meras observações, mas participa diretamente das observações para “sentir” como os acontecimentos ocorrem.

Outra característica do método etnográfico é a observação intensiva e detalhada durante um longo período de tempo. Uma pesquisa etnográfica sobre o ensino-aprendizagem de segunda língua, por exemplo, requer uma duração de pelo menos um semestre completo para que o pesquisador possa observar aulas, conduzir entrevistas, participar de outros eventos sociais na comunidade e, se possível, observar os alunos interagindo fora da sala de aula (WATSON-GECEO, 1988).

Spindler e Spindler (1992) afirmam que não há uma regra fixa no que diz respeito à permanência do pesquisador no campo de pesquisa – três, quatro, cinco, dez, doze ou mais meses. Algumas pesquisas requerem maior ou menor tempo, mas o importante é que a observação no local dure o suficiente para permitir que o etnógrafo veja como as coisas acontecem repetidamente e, não, apenas uma vez. Segundo esses autores, a validade da pesquisa etnográfica depende, em parte, da recorrência dos acontecimentos e, por isso, um estudo etnográfico de longa duração é, geralmente, considerado mais confiável do que um de curta duração.

A pesquisa etnográfica na sala de aula também envolve registrar e analisar o discurso no contexto, ao invés de ater-se a frases isoladas (JOHNSON, 1995). Isso implica uma abordagem holística (ERICKSON, 1984), isto é, os aspectos da cultura e do comportamento dos participantes da interação devem ser explicados em relação ao contexto social como um todo e do qual os eventos de fala fazem parte. Por isso, os recortes de fala devem incluir não somente o trecho em destaque, mas também o que foi dito antes e depois, pois as palavras adquirem sentido no contexto cultural em que são produzidas.

Para Watson-Gegeo (1988), essa é uma perspectiva de *socialização da linguagem* – ao invés de *aquisição da linguagem* –, porque pressupõe que a linguagem é aprendida por meio da interação social, ao mesmo tempo em que considera a linguagem como o principal veículo para a socialização. Assim, durante a aprendizagem de uma L2/LE, os aprendizes não aprendem só a estrutura da língua, mas também as normas culturais e sociais de uso da língua que são compartilhadas pelos membros da comunidade. Essa perspectiva é apropriada para a investigação de questões de linguagem, principalmente de aquisição de segunda língua, porque ela visualiza a aquisição não apenas como um processo mental individual, mas também como um processo que está inserido nos contextos socioculturais em que ela ocorre (Davis, 1995).

No contexto da sala de aula de L2/LE, a pesquisa etnográfica ou interpretativa é, portanto, uma alternativa para o estudo do processo de ensino-aprendizagem porque ela permite tratar de questões teóricas e práticas sobre o que está acontecendo no momento em que a L2/LE está sendo ensinada e aprendida, além de poder compreender vários aspectos do contexto institucional da escola, entre eles as pressões sociais que os professores e alunos sofrem, as políticas de ensino e uso da(s) língua(s), os fatores sociais que afetam o planejamento educacional, os discursos concorrentes. Em outras

palavras, a pesquisa etnográfica chama a atenção para a importância dos fatores socioculturais no processo de ensino-aprendizagem de L2/LE, além de proporcionar meios para a integração da teoria e prática. Watson-Gegeo (1988, p. 588) sugere, inclusive, que os professores aprendam métodos de pesquisa etnográfica para que, formal ou informalmente, possam investigar a própria prática em sala de aula e, assim, “obter uma nova perspectiva sobre a organização da sala de aula, as estratégias de ensino e aprendizagem e os padrões de interação nas suas próprias salas de aula”.

Contudo, Spradley (1980, p. 61-62) previne: “quanto mais você conhece uma situação na condição de participante comum, mais difícil é estudá-la como etnógrafo [...], quanto menos familiarizado você está com uma situação social, mais capaz você será de perceber as regras culturais tácitas em funcionamento”(tradução nossa). De forma semelhante, Erickson (1984, p. 62) adverte que é preciso estar consciente da “[...] singularidade e [d]a natureza arbitrária do comportamento comum e cotidiano que nós, como membros, aceitamos sem questionamentos”. Para que possa perceber essa singularidade do contexto com isenção, o pesquisador deve lançar mão de perguntas críticas como ferramentas “para desenterrar o óbvio”, a exemplo das sugeridas por Erickson (1986, p.121) e transcritas a seguir:

1. O que especificamente está acontecendo aqui?
2. O que essas ações significam para as pessoas envolvidas no momento em que elas ocorrem?
3. Como os acontecimentos são socialmente organizados e quais são os princípios culturais que integram o cotidiano das pessoas?
4. De que maneira os acontecimentos que ocorrem no local (por exemplo, a sala de aula) estão relacionados com outros acontecimentos que acontecem em outros níveis do contexto (por exemplo, a escola como um todo, a família, a comunidade externa etc)?
5. Como os acontecimentos e as ações que ocorrem no local estão relacionados ou podem ser comparados com outros modos de organização social em outros contextos?

A busca de respostas para essas questões direciona a atenção para o objeto de estudo de modo a torná-lo mais claro e evidente. Além disso, auxilia na verticalização das perguntas de pesquisa e na reflexão sobre as ações que ocorrem no campo de estudo, sobre os pontos de vista dos participantes para que se possa, dessa forma, construir o mosaico de informações a serem registrados no estudo.

Para Hymes (1981), o “monitoramento etnográfico” é essencial para o sucesso da educação bilíngue porque pode revelar aspectos importantes do planejamento dos programas (objetivos, estrutura, justificativa, política de línguas etc); dos sentidos que deles emergem (objetivos pessoais, valores e atitudes e expectativas individuais ou de grupos) e do uso das línguas (o repertório verbal das crianças em relação ao repertório verbal da comunidade – as variedades linguísticas, as circunstâncias, os objetivos e os sentidos dos usos). Para isso, esse autor sugere que o monitoramento etnográfico seja feito de forma cooperativa, isto é, envolvendo representantes da comunidade no processo de observação, informação, orientação e interpretação dos registros para que se possa ter um grau maior de validade, além de conferir confiabilidade ao processo. Em resumo, o que Hymes (ibid) parece sugerir é que a etnografia deve ser entendida como um processo

participativo em que o pesquisador não somente observa, indaga, compara e faz inferências, mas também ouve e reflete sobre o que as pessoas participantes têm para dizer.

Mehan (1981) também considera a abordagem etnográfica adequada para o estudo do processo educacional nas situações de bilinguismo, uma vez que ela permite investigar a estrutura dos eventos que ocorrem na sala de aula bilíngue e descrever o que os alunos e professores fazem e dizem em cada um desses eventos. Além disso, proporciona uma melhor compreensão acerca da língua que é usada na comunidade em relação àquela que é usada como meio de instrução na escola. Isso implica compreender como e quando as línguas são usadas não apenas na escola, mas também em casa, nas ruas, nas lojas e em outras situações de fala dentro e fora da comunidade – em algumas situações as crianças usam a L1, em outras a L2 e em outras ocasiões elas misturam ou alternam as duas línguas. Também implica avaliar o desempenho da criança em termos de aceitabilidade comunicativa, isto é, das funções que a língua usada assume em cada situação e, não, em termos de gramaticalidade – quais as línguas ou variedades de línguas são aceitas como legítimas pela escola e quais são estigmatizadas.

Na segunda parte deste artigo, conforme mencionado, apresentamos alguns dos principais instrumentos de pesquisa recorrentes na etnografia e na pesquisa qualitativa de modo geral.

GERANDO DADOS QUALITATIVOS-ETNOGRÁFICOS: OS INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Nesta segunda parte, exploramos os instrumentos de pesquisa utilizados para gerar dados qualitativos-etnográficos. Não é nosso intento oferecer um modelo padrão para a pesquisa qualitativa, mas mostrar alguns dos diferentes tipos e formatos de instrumentos de pesquisa que podem ser utilizados durante a fase de registro dos dados, até mesmo porque percebemos o formato da investigação qualitativa como uma atividade que requer reflexão crítica e criativa, ao invés de considerá-la como um produto pronto e acabado que pode ser copiado e aplicado em quaisquer contextos. Dito de outra forma, queremos enfatizar a importância de o pesquisador se engajar reflexivamente no processo de elaboração e formatação do seu próprio *design* de pesquisa, elaborando questões que atendam aos seus objetivos e à natureza do seu contexto, recorrendo a instrumentos que sejam adequados à sua pesquisa e refletindo criticamente sobre as respostas que resultam de *suas perguntas* e de *suas estratégias* de pesquisa.

Diante da natureza peculiar da pesquisa qualitativa, concordamos com a postura de Mason (1997) que entende o processo de registro dos dados como um processo participativo no qual o pesquisador não apenas *coleta* dados, mas *gera* dados a partir das escolhas e dos caminhos que ele próprio seleciona. Isso significa reconhecer o caráter interpretativo e analítico desta abordagem metodológica, pois o pesquisador não é simplesmente um *coletor de informações* que assume uma postura neutra, passiva, mas, ao contrário, ele constrói ativamente o conhecimento acerca daquele dado

contexto, de acordo com certos princípios e usando certos procedimentos que decorrem de sua postura epistemológica e de suas próprias escolhas.

Desta feita, descrevemos nas seções seguintes alguns tipos de instrumentos de pesquisa genericamente usados em pesquisas qualitativas-etnográficas, na expectativa de, assim, traçar orientações gerais que possam servir de referência para o pesquisador iniciante quando da elaboração de seu *design* de pesquisa.

A ENTREVISTA

O ato de fazer perguntas e conseguir respostas é algo bem mais difícil do que aparenta ser à primeira vista. A palavra carrega em si ambiguidades e envolve questões que dizem respeito à ética, à auto-imagem do entrevistado, à confiança entre as partes e à sensibilidade e sensatez da parte do entrevistador. Conforme afirmam Fontana e Frey (2000, p. 663) a entrevista, no viés qualitativo, é considerada “um texto negociado” entre o entrevistado e o entrevistador. Em outras palavras, é um espaço interacional configurado pelo contexto sócio-histórico e pelos participantes. Por essas e outras razões é preciso se preparar anteriormente – selecionar entre os vários tipos de entrevistas aquela mais adequada à situação e aos objetivos propostos; refletir previamente sobre as possíveis perguntas e, se preferir, anotá-las para que possam servir de guia durante a condução da entrevista, porém sem imposição, sempre deixando espaço para que o entrevistado sinta-se à vontade para discorrer sobre o tema proposto conforme o seu próprio conhecimento. Além disso, para que as perguntas e respostas possam fluir Marli e André (1986) salientam que é preciso estabelecer uma atmosfera amistosa e de confiança entre o entrevistador e o entrevistado, minimizando-se as relações hierárquicas entre as partes e demonstrando respeito pela cultura e pelos valores dos entrevistados.

Entre os tipos de entrevista mais recorrentes destacamos inicialmente a entrevista etnográfica, a estruturada, a semiestruturada, a não-estruturada e suas variações.

ENTREVISTA ETNOGRÁFICA

A entrevista etnográfica origina-se na Antropologia, mas tem sido usada amplamente em outras áreas do conhecimento. Ela é um tipo especial de entrevista que emprega questões que visam interpretar os significados culturais que as pessoas vivenciam ao longo de suas vidas. Spradley (1979) destaca três características peculiares a esse evento de fala: primeiro, há objetivos explícitos para a entrevista; segundo, o entrevistado deve ser informado sobre a finalidade da pesquisa e sobre as formas de condução e gravação; terceiro, as perguntas são explicitadas pelo entrevistador quantas vezes for necessário, assim como o entrevistado pode incluir informações e opiniões pertinentes.

Sendo assim, esse autor sugere perguntas do tipo descritivas, estruturais e contrastivas. Uma pergunta *descritiva* é aquela que busca uma descrição detalhada sobre

algo: “Como você descreveria em detalhes as atividades desenvolvidas pelos alunos durante a sua aula?”. Já uma pergunta *estrutural* é aquela que busca desvendar alguma questão já observada na situação social, mas que ainda precisa ser explicitada, por exemplo, você identificou diferentes tipos de correção na ação da professora durante suas aulas, mas precisa certificar-se se há outros tipos ainda não identificados, quais sentidos eles têm e em que situações ocorrem. Uma possível pergunta seria: “Que tipo de correção você mais usa durante as atividades orais?” ou “Além da correção do tipo x, y ou z, você faz algum outro tipo de correção?”. Por fim, as perguntas *contrastivas* são aquelas que procuram verificar a existência de diferenças ou contraexemplos – “O que há de diferente nessas maneiras de corrigir os alunos?”.

ENTREVISTAS ESTRUTURADAS

As entrevistas estruturadas têm um caráter formal e seguem uma agenda pré-determinada. O entrevistador elabora previamente uma lista de perguntas com uma escolha de respostas relativamente limitada, faz as mesmas perguntas a todos os participantes sempre na mesma sequência e controlando o tempo para cada pergunta e resposta em cada entrevista. Seu objetivo é colher informação para fins de mensuração das respostas. Portanto, nesse tipo de entrevista, o papel do entrevistador é o de manter-se o mais neutro possível, evitando dar opiniões sobre as respostas do entrevistado. A atmosfera da interação deve ser de simpatia, mas também de objetividade. Exemplos desse tipo de entrevista são aquelas feitas por telefone, ou aleatoriamente em lojas e *shoppings*, ou ainda as entrevistas associadas a pesquisas demográficas – *survey studies*.

ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

A entrevista semi-estruturada é conduzida de uma forma mais aberta e menos intrusiva, como se fosse uma conversa ou uma troca de informações. Seu objetivo é compreender o mundo do respondente. Por isso, é geralmente orientada por tópicos e questões pertinentes à pesquisa ao invés de seguir um rol de perguntas pré-determinadas. A esse respeito Nunan (1997) salienta que o entrevistador ao usar esse tipo de entrevista tem uma ideia geral sobre aonde ele quer que a entrevista chegue e que perguntas ele quer compreender, porém não tem o controle total de seu desenrolar. Desta feita, questões mais gerais ou tópicos são inicialmente introduzidos e ao longo da entrevista os pontos relevantes servem de base para questões mais específicas. Seu objetivo é obter *insights* acerca de questões específicas ainda não levantadas. Daí não ser necessário elaborar uma lista de perguntas pré-determinadas.

ENTREVISTAS NÃO-ESTRUTURADAS

A denominação *não-estruturada* é, de certa forma, imprecisa, porque toda entrevista pressupõe algum tipo de estrutura ou organização prévia, isto é, algumas

ações já foram planejadas anteriormente pelo entrevistador (os objetivos da pesquisa e da entrevista já devem ter sido delimitados, o formato e a forma de registro definidos, e local onde será realizada etc). Em outras palavras, quando o pesquisador lança mão da entrevista como instrumento de registro dados é preciso que ele tenha clareza sobre como os objetivos se relacionam entre si, e em que medida a entrevista contribuirá para desvendar novos significados ou suprir lacunas de informação. Nesse sentido, a denominação não-estruturada refere-se ao fato de que o pesquisador exerce pouco ou nenhum controle sobre o desenrolar da entrevista – as respostas são guiadas pelo entrevistado e não pela agenda do pesquisador (mesmo que ele tenha um roteiro para sua orientação própria), resultando quase sempre em um encaminhamento relativamente imprevisível. São nesses momentos que surgem novas interpretações ou questionamentos importantes para análise de dados não planejados ou pensados anteriormente e que podem suscitar outras indagações. Contudo, Nunan (1997) adverte que o perigo da entrevista não-estruturada está na dispersão da pergunta em meio às digressões na fala do entrevistado. Assim, perde-se o foco da entrevista, porém outros focos podem surgir. A entrevista etnográfica é um tipo de entrevista não-estruturada.

Outros tipos de entrevista não-estruturada aqui abordados são o relato oral e as histórias de vida.

RELATO ORAL E HISTÓRIAS DE VIDA

O relato oral é considerado um tipo de entrevista não-estruturada que visa a resgatar as histórias de vida, memórias, explicações ou mudanças de comportamento das pessoas ao longo de suas vidas. Segundo Queiroz (1988, p. 19) “tudo que se narra oralmente é história, seja a história de alguém, seja a história de um grupo, seja uma história real ou mítica”. Nesse sentido, as histórias de vida são um tipo de relato pessoal em que o narrador tenta reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu. Nas palavras de Poirier, Clapier-Valladon e Raybaut (1999, p.152-153), as histórias de vida são “um tipo particular de documento pessoal, que leva em conta o aspecto subjetivo do social” e, por isso, são ideais para caracterizar indivíduos e comunidades, bem como suas atitudes e expectativas.

Em razão de seu caráter subjetivo, autores como Poirier, Clapier-Valladon e Raybaut (1999) ressaltam que as pesquisas que recorrem a essa técnica como metodologia para gerar dados devem lançar mão de outros instrumentos, visto que as histórias de vida mostram apenas um aspecto parcial da realidade. Os autores recomendam ainda que as entrevistas sejam feitas de modo livre, como nos casos das entrevistas semiestruturadas ou não-estruturadas. Para isso, o entrevistador deve se colocar na posição de mediador entre as percepções do entrevistado e as suas próprias. No entanto, quando necessário, o entrevistador deve intervir para estabelecer uma cronologia dos fatos ou redirecionar o foco.

ENTREVISTAS EM GRUPO (*FOCUS GROUP*)

A entrevista em grupo, como o nome sugere, é uma forma de pesquisa qualitativa realizada com várias pessoas simultaneamente com o intuito de identificar percepções, crenças, opiniões e atitudes em relação a um produto, conceito, serviço etc. As pesquisas de mercado são exemplos de entrevistas em grupo. As perguntas podem ser feitas de maneira formal/estruturada ou informal/não-estruturada, dependendo do que se está investigando e dos objetivos do estudo. O papel do entrevistador é o de conduzir a entrevista e a maneira como isso ocorre também depende do objetivo da pesquisa. Por essa razão, as entrevistas em grupo podem ter formatos variados, desde sessões de *brainstorming* (tempestade de idéias) à aplicação de entrevistas estruturadas. No primeiro caso, o papel do entrevistador é o de condutor informal da entrevista. No segundo, o seu papel é de condutor objetivo e impessoal.

ENTREVISTA-DIÁRIO (*DIARY-INTERVIEW*)

O relato da rotina diária do entrevistado constitui-se em um instrumento bastante recorrente na pesquisa etnográfica. A idéia básica é levar o informante a esquematizar as ações e os acontecimentos que ocorrem no seu cotidiano, incluindo tanto os dias típicos quanto os especiais. Com base nessas informações, são feitas perguntas informais com o propósito de enriquecer os relatos ou aprofundar alguma questão de interesse para a interpretação dos dados. Agar (1980) menciona uma versão dessa técnica denominada *entrevista-diário* (*diary-interview*) em que o pesquisador primeiramente desenvolve, em conjunto com o entrevistado, um roteiro ou formato para a elaboração do diário, que será livremente desenvolvido pelo informante durante algum tempo de sua vida cotidiana. Posteriormente, quando o diário retorna para o pesquisador, entrevistas informais são feitas para explicitar ou expandir tópicos ou questões de interesse da pesquisa que aparecem nos relatos feitos nos diários.

REDES SERIADAS (*NETWORK SERIALS*)

Outro tipo de entrevista não-estruturada é aquela que se baseia em redes sociais de informantes, denominada *redes seriadas* (*network serials*). Nesse caso, o interesse do pesquisador é obter informações sobre os laços sociais dos participantes da pesquisa – com quais pessoas eles se relacionam, em que locais eles transitam e em que tipos de atividades eles se envolvem durante suas rotinas diárias. A partir desses três focos, o pesquisador conduz entrevistas informais com os participantes durante algum tempo com o propósito de colher novas informações acerca do funcionamento das redes sociais em que os participantes se envolvem ou de complementar informações já registradas.

ENTREVISTAS COM USO DE VIDEOTEIPE

O uso de documentação visual por meio de gravações em vídeo tem se tornado cada vez mais comum na pesquisa etnográfica. No caso da entrevista, as gravações são usadas como uma espécie de base ou roteiro para a condução da entrevista. Os eventos

registrados são apresentados aos participantes, isoladamente ou em grupos, e suas interpretações sobre suas ações ocorridas no momento da gravação são solicitadas. No caso específico da sala de aula, o uso dessa técnica, também denominada *stimulated recall* (NUNAN, 1997), tem a vantagem de poder revelar aspectos do processo de ensino e aprendizagem que dificilmente poderiam ser obtidos de outra forma, uma vez que o pesquisador tem a oportunidade de questionar o professor e os alunos sobre suas decisões, ações e emoções no momento exato em que os participantes estavam ensinando e aprendendo ou, até mesmo, acerca de outras fases do processo – por exemplo, planejamento e *follow up* das aulas.

Faz-se necessário ressaltar que o uso dessa técnica requer cuidados especiais. Um deles diz respeito à forma de gravação. Erickson e Shultz (1998, p. 226) sugerem que as gravações sejam feitas continuamente, “com o menor movimento de câmera possível, [de preferência fixa em um ponto estratégico da sala], mantendo todos os participantes da ocasião dentro do campo de visão da câmera”. Também podem ser utilizadas duas câmeras com focos distintos, um móvel e outro fixo. O primeiro procura focalizar a interação proeminente num dado momento, enquanto o segundo proporciona uma visão mais panorâmica e abrangente do ambiente como um todo. Nesse caso, o auxílio de um profissional da área é bem-vindo, pois dá mais liberdade ao pesquisador para que ele faça sua observação e suas anotações durante a gravação dos eventos.

Outro cuidado ao usar essa técnica é de ordem ética. Como os participantes terão, de certa forma, suas identidades reveladas, é necessário obter a autorização, por escrito, de todos os participantes ou dos responsáveis, quando se trata de crianças ou adolescentes. Paiva (2005) faz alguns questionamentos sobre a questão da ética em pesquisa – “o professor ou a direção da escola tem o direito de autorizar a observação de seus alunos ou a utilização de seus dados sem que eles ou seus pais tenham consentido?” – chamando a atenção para questões como privacidade e confidencialidade (proteção aos indivíduos ou às pessoas cujos pontos de vista ou vozes possam ser identificados), segurança (consequências da ação intrusiva do pesquisador), integridade da pesquisa (equidade com todos os interessados – a pesquisa deve beneficiar todas as partes envolvidas), entre outras.

Há, certamente, muitos outros tipos de entrevistas informais. Um determinado tópico ou evento pode ser discutido e explorado durante uma entrevista informal e oportuna entre pesquisador e pesquisado, sem que necessariamente se recorra a procedimentos mais sofisticados ou previamente planejados. O bom senso e a sensibilidade do pesquisador podem transformar um simples bate-papo em registros valiosos para futura interpretação. Ou, ainda, com base nas peculiaridades do contexto e dos participantes, o pesquisador pode criar a sua própria técnica, combinando aquelas já existentes ou inovando outras.

ANOTAÇÕES DE CAMPO

O uso de notas de campo é uma prática tradicional nos estudos etnográficos, visto que a observação é o instrumento privilegiado dessa metodologia. As anotações de campo incluem descrições da situação e do ambiente em que ocorre a pesquisa como

também anotações do que é dito pelos participantes do estudo. Spradley (1980, p. 68) sugere que as anotações sejam feitas por meio de descrições densas. Por exemplo, ao fazer a observação de uma sala de aula, em vez de escrever, “Há uma grande algazarra na sala agora”, escreva, “O Aluno A está conversando em voz alta com o Aluno C enquanto os Alunos F e G estão de costas para a sala, olhando pela janela, apontando e rindo” e assim por diante. Esse tipo de descrição oferece uma descrição mais próxima do que se passa no ambiente. Por outro lado, o uso de uma descrição geral e não concreta dos atos dos participantes impede uma análise mais acurada dos mesmos, já que a generalização é uma análise antecipada. No exemplo acima, ao usar a palavra “algazarra” o pesquisador já dá sua análise das ações dos alunos e, portanto, será impedido de levantar os padrões culturais que norteiam os atos dos alunos.

Spradley (1980, p. 67) também recomenda que se anotem as palavras exatas dos participantes, isto é, na forma *verbatim* ao invés de fazer paráfrases. Por exemplo, em vez de escrever, “Aluno B disse que estava cansado”, escreva “Aluno B: ‘Gente, ‘tou morta. Não ‘tou aguentando’”. É preciso lembrar que as análises e categorias de um estudo etnográfico são construídas a partir das palavras dos participantes. Sem as palavras exatas dos participantes, não se pode construir uma interpretação válida, pois tudo fica no âmbito das impressões do pesquisador sobre o que é dito pelo participante. Dessa forma, o que se terá é uma análise das impressões do pesquisador e não uma análise dos significados culturais dos participantes.

Spradley (1980, p. 69) sugere quatro tipos de anotações de campo: (i) *versão condensada (condensed account)* ou telegráfica, feita durante a observação no campo de pesquisa, geralmente contendo orações incompletas, palavras soltas e frases desconexas devido à necessidade de anotarem-se rapidamente as informações sobre as cenas em curso; (ii) *versão expandida (the expanded account)*, feita posteriormente à primeira, fora do campo de pesquisa e de preferência no mesmo dia, com o objetivo de expandir as anotações da versão condensada, de forma mais complexa e detalhada; (iii) diário (*fieldwork journal*), de natureza introspectiva em que se anotam os medos, reações e sentimentos em relação ao trabalho de pesquisa; o diário deve ser datado claramente, para que, ao ser lido no futuro, seja possível vinculá-lo às anotações resultantes da observação; (iv) jornal teórico (*analysis and interpretation notes*) em que se anotam interpretações, análises de significados culturais e possíveis generalizações. O jornal é o elo entre as anotações resultantes da observação e o relato final, em que os resultados são apresentados. O objetivo desse jornal teórico é acompanhar o ritmo do trabalho à medida que o pesquisador levanta questões e busca respostas para as ações e fatos que acontecem durante as observações e entrevistas (ibid, p. 69-72).

Conforme já se afirmou, as anotações de campo são tradicionalmente o instrumento básico de uma pesquisa etnográfica, que se associam a outros instrumentos como as observações e as entrevistas para dar maior confiabilidade e segurança às interpretações e análises do pesquisador. Em síntese, constituem-se em anotações feitas pelo etnógrafo acerca das observações de campo, das conversações, interpretações e sugestões que ocorrem no campo de pesquisa e que poderão ser usadas no futuro para complementar informações oriundas de outras fontes.

Agar (1980) adverte que, apesar de as anotações de campo ser uma técnica muito usada nos estudos de base antropológica, é preciso ter consciência de que ela

também apresenta alguns pontos vulneráveis. Por exemplo, considerando-se que no momento do registro das notas o pesquisador ainda não sabe o que é significativo nas ações que ele está observando, pode ser que ele não saiba exatamente o que registrar e, na ânsia de registrar tudo exaustivamente, pode perder acontecimentos mais importantes para o foco da pesquisa. Além disso, pode ser que em alguns momentos não seja viável tomar notas ao mesmo tempo em que as ações estão acontecendo, seja porque a situação não permite, seja porque o pesquisador corre o risco de perder o desenrolar das ações ou o foco de um determinado tópico. Nesse caso, pode-se fazer o registro posteriormente, de preferência, ao final da observação, mas, ainda assim, corre-se o risco de a memória de longa duração falhar e produzir resultados distorcidos ou estereotipados.

Dessa forma, à primeira vista, as anotações de campo podem parecer mais um problema do que um recurso. Contudo, ao apontar tais problemas, Agar (1980) intenciona ressaltar a impossibilidade de se capturar e registrar *tudo* o que ocorre no campo de pesquisa. Por isso, sugere que se estabeleçam focos específicos de observação, geralmente centrados em tópicos de interesse, para que possam ser ampliados, revisitados e reavaliados em momentos posteriores – entrevistas, perguntas informais, observações posteriores, questionamentos sobre pontos que necessitam ser esclarecidos etc. Por exemplo, em uma pesquisa de sala de aula de língua estrangeira pode-se direcionar o foco para a maneira como a L1 e a LE são usadas pela professora e pelos alunos. A partir desse foco, outros subfocos vão se estabelecendo no decorrer das observações/entrevistas, e assim as anotações são refinadas. Desta forma, tem-se a oportunidade de ir, pouco a pouco, verticalizando tópicos recorrentes e restringindo cada vez mais o foco da pesquisa.

DIÁRIO PESSOAL

O diário pessoal é outro instrumento usado pelo etnógrafo no campo de pesquisa para registrar suas reações acerca do contexto de pesquisa, dos participantes e suas ações e dos fatos e acontecimentos. Em geral, são registradas as impressões do pesquisador de como a pesquisa está se desenvolvendo, seus sentimentos em relação ao seu envolvimento (ou não-envolvimento) nas ações que ocorrem no campo de pesquisa. Como coloca Spradley (1980), o diário (*fieldwork journal*) é de natureza introspectiva e tem o propósito de registrar os medos, os sentimentos, as reações e interpretações do pesquisador em relação ao próprio trabalho.

Os diários ou registros de experiências (*logs* e *journals*) são usados com frequência como instrumentos introspectivos para o registro de dados nas pesquisas sobre aquisição de segunda língua, interação professor-aluno, ensino reflexivo, entre outras pesquisas educacionais. Eles podem ser elaborados tanto pelos professores quanto pelos alunos ou outros integrantes do processo ensino-aprendizagem e assumem, geralmente, o formato de relato de experiências vividas dentro ou fora da escola e que guardam alguma relação com o processo de ensino e aprendizagem. Os diários proporcionam aos alunos a oportunidade de refletir sobre o próprio processo de aprendizagem – suas dificuldades, ansiedades, objetivos e metas a serem alcançadas etc. – enquanto que aos professores dá a oportunidade de refletir sobre suas práticas

pedagógicas, sobre o progresso e as dificuldades de seus alunos e, sobretudo, sobre o que fazer para implementar sua prática e otimizar a aprendizagem de seus alunos.

Quando os diários são usados como uma forma de estabelecer um diálogo entre o professor e o aluno (por meio de comentários e perguntas), eles são denominados *diários dialogados (dialogue journals)* (RICHARDS, PLATT E PLATT, 1997). Recentemente, nas pesquisas sobre aquisição de segunda língua, em especial aquisição de língua escrita, tem sido usada uma variação do diário dialogado, que é o diário *online*, elaborado a partir dos diversos meios interacionais disponíveis na web – *e-mail* (correio eletrônico), *chat* (bate-papo), Facebook, Orkut, Twitter etc. Nessa modalidade de diários, os alunos enviam aos professores mensagens eletrônicas, semanalmente, relatando o que fizeram durante a semana, expondo suas dificuldades, avaliando seu progresso e apontando pontos positivos e negativos do curso e da metodologia. Os diários parecem motivar os alunos a interagir mais com o professor. Eles introduzem tópicos e falam não só sobre sua experiência na disciplina, mas também trocam idéias, fazem críticas e dão sugestões ao programa; falam de sua vida pessoal, de seus sentimentos e usam o computador para manter uma relação mais pessoal com o professor (PAIVA, 2004).

Como se pode ver, a criatividade não tem limites e ao pesquisador é resguardado o direito de utilizar, adaptar ou criar instrumentos de pesquisa que sejam não só adequados, mas também viáveis para utilização no contexto de pesquisa. Gerar dados qualitativos requer o uso adequado de instrumentos que irão proporcionar o material necessário para uma boa análise, por exemplo, da estrutura social local, da visão de mundo dos participantes, dos valores e tabus presentes na comunidade investigada e muitos outros tópicos que precisam ser compreendidos pelo pesquisador. Daí a importância de se desenvolver um formato ou *design* de pesquisa condizente com as particularidades da investigação.

OS QUESTIONÁRIOS

O questionário é, talvez, o instrumento mais usado para levantar dados sobre o perfil dos participantes – idade, sexo, profissão, escolaridade etc – como também para investigar o conhecimento, os hábitos, os interesses, as opiniões, as experiências de vida, entre outras particularidades dos participantes da pesquisa. De modo geral, as perguntas podem ser de dois tipos: abertas ou fechadas.

Em uma pergunta aberta, o pesquisador deixa a resposta a critério do participante; cabe a ele decidir o que e como responder. Nessa modalidade de perguntas, pode haver diferentes graus de abertura em termos do conteúdo da resposta. Por exemplo, uma pergunta aberta pode perguntar:

- 1) Qual é sua idade? _____

As respostas poderão ser variadas, mas todas se referirão ao fator idade. Nesse caso a pergunta é aberta, porém dentro de um grupo restrito de opções. Há, também, perguntas abertas em que as respostas não são necessariamente parte de um grupo

restrito de opções como, por exemplo, perguntas que pedem opiniões ou relatos de experiências:

- 2) Por que você decidiu fazer o curso de Letras?

Embora se possa ter uma recorrência nas razões apontadas, as respostas serão variadas na medida em que dizem respeito à subjetividade dos participantes.

As perguntas fechadas, por sua vez, restringem as opções de respostas, visto que são oferecidas no próprio questionário. Por exemplo:

- 3) Há quantos anos você estuda inglês?
 a. 0 a 3 anos
 b. 4 a 6 anos
 c. 7 a 10 anos
 d. Mais do que 10 anos

Outra opção é combinar as duas modalidades em uma só pergunta ou questionário. Pode-se, assim, ter um questionário que apresenta uma pergunta fechada com abertura para uma resposta justificada:

- 4) Por quantas horas semanais você estuda inglês?
 a. 0-1 hora
 b. 2-3 horas
 c. 4-5 horas
 d. mais que 5 horas
 Explique sua resposta: _____

Ou ainda um questionário que apresenta uma parte com perguntas fechadas e outra com perguntas abertas, conforme se pode ver a seguir:

Quadro 1 – Modelo de questionário

Date:	Age:	Place of birth:	Nationality/ies:
Mother's nationality:	Father's nationality:		

Dear respondent: This is a research on linguistic aspects of bilingualism. I would very much appreciate your cooperation. Please answer the questions below. You do not need to sign your name. Thanks a lot!

I. LANGUAGE CHOICE

1. When you talk to your mother, father, sister/brother, friends, teachers, principal what language do you use?

Evaluation		
1. only English	Mother	
2. almost all English	Father	
3. mostly English	Sister/brother	
4. both equally (English and Portuguese)	Friends	
5. mostly Portuguese	Teachers	
6. almost all Portuguese	Principal	
7. only Portuguese		

II. LANGUAGE ATTITUDES

2. How important is it for you to be able to speak English/Portuguese well?

Evaluation	English	Portuguese
1. not important		
2. of little importance		
3. somewhat important		
4. important		
5. very important		

3. Which language do you like to use more? English? Or Portuguese?

4. Do you think one language is more important than the other? If so, which one? English? Or Portuguese? Why?

5. Do you mix English and Portuguese? When? Why? Do you think mixing English and Portuguese is a good or bad thing? Why?

[...]

Fonte: MELLO (2002, p. 317, Adaptado)

Os questionários também podem ser usados conjuntamente com outros instrumentos de pesquisa, tais como as anotações de campo, as gravações, as entrevistas, a análise documental, entre outros. A vantagem do questionário é a possibilidade de coletar informações diversas em um único momento da pesquisa. Quando respondidos anonimamente, há também a vantagem de dar aos informantes maior confiança para se expressarem livremente e sem constrangimentos. Por outro lado, a desvantagem do questionário reside na dificuldade de elaborarem-se questões claras, fáceis de responder e sem indução das respostas. Por essa razão, o questionário deve ser cuidadosamente preparado e pilotado antes de ser aplicado. Assim, há a possibilidade de sanar as dificuldades antes de ser aplicado aos participantes da pesquisa.

Vale ressaltar, ainda, que a elaboração das perguntas do questionário requer atenção especial para que estas não incluam quaisquer pistas que possam levar o respondente a uma determinada resposta, em alguns casos, àquela esperada pelo pesquisador. Por isso, é importante que o pesquisador não revele ou deixe transparecer suas atitudes – valores, preconceitos, preferências etc – em relação ao tema ou questão abordada para não afetar as respostas dadas. Outra preocupação deve ser com a objetividade, validade e clareza na elaboração das perguntas para não confundir o respondente ou induzir respostas ambíguas.

Uma vez elaborado, pilotado e aplicado o questionário, o pesquisador depara-se com a questão da interpretação dos dados. Como agrupar e tabular as informações obtidas? As respostas resultantes das perguntas fechadas são mais facilmente agrupadas ou quantificadas, enquanto as respostas provenientes de perguntas abertas podem requerer um agrupamento por temas ou categorias recorrentes. Apesar de mais difíceis de serem quantificadas e interpretadas, respostas dessa natureza podem relevar *insights* elucidativos.

PALAVRAS FINAIS

Por uma questão de espaço, encerramos aqui nossa discussão sobre os instrumentos de pesquisa utilizados com maior frequência no registro de dados qualitativos. É certo que não cobrimos todas as possíveis variações que esses instrumentos abarcam como também não esgotamos as discussões acerca de cada um deles. Ao contrário, abordamos apenas algumas questões e procedimentos-chave necessários para instrumentalizar o pesquisador iniciante quando de sua entrada no campo de pesquisa. Ao apresentarmos tais instrumentos, tivemos a intenção de oferecer aos alunos-pesquisadores orientações preliminares para a entrada no campo de pesquisa. Contudo, esperamos que os passos iniciais aqui delineados indiquem um caminho seguro entre os vários que se apresentam ao/à nosso/a aluno/a ao longo de sua caminhada acadêmica.

REFERÊNCIAS

- AGAR, M.H. *The professional stranger: an informal introduction to ethnography*. New York: Academic Press, 1980.
- ANDRÉ, M. E. D. A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- CAVALCANTI, M. C.; MOITA LOPES, L. P. Implementação de pesquisa na sala de aula de línguas no contexto brasileiro. *Trabalhos de Linguística Aplicada*, Campinas, SP: Unicamp, v.17, p. 133-144, Jan. / Jun, 1991.
- DAVIS, K. A. Qualitative theory and methods in applied linguistics research. *TESOL Quarterly*, v. 29, n. 3, p. 427-453, 1995.
- ERICKSON, F. Ethnographic microanalysis. In: McKAY, S. L.; HORNBERGER, N. H. (Eds.). *Sociolinguistics and language teaching*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p. 283-306.
- ERICKSON, F. Qualitative methods in research on teaching. In: WITTRICK, M. C. (Ed.). *Handbook of research on teaching*. 3. ed. New York: Macmillan Publishing Company, 1986, p.119-161.
- ERICKSON, F. What makes school ethnography “ethnographic”? *Anthropology and Education Quarterly*, v. 15, p. 51-66, 1984.
- FONTANA, A.; FREY, J.H. The interview, from structured questions to negotiated text. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y.S. *Handbook of qualitative research*. 2nd. Ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2000, p. 645-672.
- HYMES, D. Ethnographic monitoring. In: TRUEBA, H. T.; GUTHRIE, G. P.; AU, K. H. P. (Eds.). *Culture and the bilingual classroom: studies in classroom ethnography*. Rowley, MA: Newbury House, 1981, p. 56-68.
- JOHNSON, D. M. Classroom-oriented research in second language learning. In: OMAGGIO HADLEY, A. (Ed.). *Research in language learning: principles, processes and prospects*. Chicago: National Textbook Company, 1995, p. 1-23.
- MASON, J. *Qualitative researching*. London: SAGE Publications, 1997.
- MEHAN, H. Ethnography of bilingual education. In: TRUEBA, H. T.; GUTHRIE, G. P. ; AU, K.H.P. (Eds.). *Culture and the bilingual classroom: studies in classroom ethnography*. Rowley, MA: Newbury House, 1981, p. 36-55.
- MELLO, H. A. B. De. “O português é uma alavanca para que eles possam desenvolver o inglês”: eventos de ensino-aprendizagem em uma sala de aula de ESL de uma escola “bilíngue”.

2002. 345 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo.
- NUNAN, D. *Research methods in language learning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- PAIVA V. L. O. Reflexões sobre ética e pesquisa. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*. Belo Horizonte, MG: Faculdade de Letras da UFMG, v. 5, n. 1, p. 43-61, 2005.
- POIRIER, J.; CLAPIER-VALLADON, S.; RAYBAUT, P. *Histórias de Vida: teoria e prática*. Oeiras, Portugal: Celta Editora, 1999.
- QUEIROZ, M. I. P. Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON, O. L. *Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil*. São Paulo: Vértice - Editora Revista dos Tribunais, 1998.
- RICHARDS, J. C.; PLATT, J.; PLATT, H. *Dictionary of language teaching & applied linguistics*. Essex, England: Longman, 1997.
- SPINDLER, G.; SPINDLER, L. Cultural process and ethnography: an anthropological perspective. In: LeCOMPTE, M. D.; MILLROY, W. L.; PREISSLE, J. *The handbook of qualitative research in education*. New York: Academic Press, Harcourt Brace & Company, 1992, p. 53-92.
- SPRADLEY, J. *Participant observation*. Fort Worth: Harcourt Brace College Publishers, 1980.
- WATSON-GEGEO, K.A. Ethnography in ESL: defining the Essentials. *TESOL Quarterly*, 1988, p. 575-592.
- ZARHARLICK, A.; GREEN, J. Ethnographic research. In: FLOOD, J. et al. (Eds.). *Handbook of research in teaching the English Language Arts*. New York: Macmillan, 1991.